

Volta de Odisseu ao Lar, de Thomas Rosenlöcher

Rui Rothe-Neves*

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Faz parte do caráter fundacional dos mitos em nossa cultura serem apropriados e revitalizados por meio de recriações e referências. E os mitos gregos estão, na cultura ocidental, entre os favoritos. A figura de Odisseu, ou Ulisses, indissociado da *Odisséia*, é uma das criações atribuídas a Homero que ainda encontram espaço entre nós, seja em versões do próprio texto (p. ex., HOMERO, 1980) seja enxertado em outros. Apenas para citar alguns exemplos, Ezra Pound reescreveu como o primeiro dos seus *The Cantos* o canto 11 da *Odisséia* (cf. POUND, 1986). Seu amigo, o escritor irlandês James Joyce, foi mais longe e imiscuiu a trama do poema grego no périplo de um único dia cumprido pelo protagonista Leopold Bloom em seu *Ulisses* (JOYCE, 1967). Bem mais recente é o longo poema de 47 capítulos considerado a obra-prima do prêmio Nobel de Literatura, Derek Walcott, apropriadamente intitulado *Omeros* (WALCOTT, 2011) e ambientado nas Antilhas, do qual são personagens, além dos de costume (Ulisses, Penélope etc.), Homero e o próprio autor.

Na literatura alemã, usa-se o termo “recepção da Antiguidade” (*Antikerezeption*) para esta tendência que perpassa várias literaturas e épocas. Em pelo menos dois momentos, a recepção da Antiguidade serviu ali para driblar as exigências políticas sobre o fazer literário: no Iluminismo e na literatura da Alemanha Oriental (cf. p. ex. RIEDEL, 1994; SEIDENSTICKER, 1992). Neste “Volta de Odisseu ao Lar” (*Heimkehr des Odysseus*), o poeta alemão Thomas Rosenlöcher agrega outra dimensão de sentido a este tema literário, uma dimensão ao mesmo tempo histórica e autoreferencial: a história da literatura da Alemanha.

Thomas Rosenlöcher nasceu em 1947 e estudou Administração, antes de estudar Literatura no Instituto Johannes R. Becher, em Leipzig. Desde 1983 vive como escritor em Dresden e na região dos Montes Metalíferos (*Erzgebirge*), sem nunca ter emigrado da Alemanha oriental (DDR). Ganhou inúmeros prêmios, sendo os mais importantes o Prêmio Weiskopf da Academia de Artes de Berlim (1991) e o Prêmio Hölderlin (1999). Rosenlöcher é conhecido pela ironia e por manter-se um observador crítico do presente. O poema aqui traduzido saiu no seu primeiro volume de poemas (ROSENLÖCHER, 1982), de antes da reunificação de 1990, mas depois do fim do período liberalizante introduzido nas artes pelo governo de Erich Honecker. Pode-se dizer que Rosenlöcher é herdeiro da *Sächsische Dichterschule*, um grupo de poetas que se formou no mesmo Instituto Johannes R. Becher em que estudou [1].

Em *Volta de Odisseu ao Lar*, o tema literário é o retorno do herói a Ítaca, que se espalhou da *Odisséia* para a literatura ocidental e para além [2]. Se tomarmos de modo lato, o tema do retorno do marido, do qual o retorno de Odisseu é apenas um exemplo, foi explorado em inúmeras outras obras, dentre elas, no filme de Rainer Werner Fassbinder, “O Casamento de Maria Braun” (1979). Neste poema, porque é poeta e

* rothe-neves@ufmg.br

Recebido em 02/07/2019
Aprovado em 29/12/2019

é também o personagem principal (e Odisseu, seu eu lírico), Rosenlöcher traz o caráter especular de que a recepção da Antiguidade se revestiu na Alemanha Oriental voltando-o não apenas para a história oficial de seu país, mas também para a história da *literatura*.

No início do texto, Odisseu volta ao lar, cena que corresponde na *Odisséia* ao Canto XVII e seguintes. Aqui, Odisseu retorna para uma terra arrasada. É este aspecto que traz para o *topos* literário a história da literatura. No imediato pós-guerra, o primeiro período literário foi chamado de “literatura dos destroços” (*Trümmerliteratur*), feita em grande parte por autores exilados retornando do exílio e por autores mais novos retornando da guerra, mas também por tematizar as perdas, os destroços, o fim da Alemanha (e, em certa medida, da Europa) tal como a conheceram. Um de seus principais expoentes foi Heinrich Böll, que funcionou na prática como uma espécie de porta-voz dos escritores que se reagrupavam. Em *Bekennnis zur Trümmerliteratur*, Böll escreveu: “O nome Homero é insuspeito em todo o mundo cultural ocidental: [...] Homero fala da Guerra de Tróia, da destruição de Tróia e do retorno de Ulisses – literatura de guerra, de escombros e da volta ao lar – não temos motivo para nos envergonharmos desse nome”.^[3]

Neste mundo destruído que é aquele dos literatos, o poeta retornado da guerra nem se lembra da beleza, corporificada em Penélope. É preciso usar da força das palavras (“declarei”), que é o poder dos poetas, para que a velhota seja feita de beleza. Mas antes vieram tarefas mais urgentes e comezinhas: enterrar os mortos, construir casas. O aspecto irônico na tessitura do poema fica por conta dos companheiros que se abancaram em casa, no que parece uma alusão à acusação de que a literatura alemã-oriental tivesse se aburguesado, e da solução alienígena ao final. Não é difícil ver aqui “a questão ainda longe de ser esgotada, da relação entre utopia, literatura e política” (STEPHAN, 1992, p. 98) ^[4], que perpassou toda a curta história da literatura na DDR.

[1] Dois de seus poetas, Volker Braun e Thomas Brasch, foram traduzidos em ROTHE-NEVES; WINK (2007).

[2] Para uma investigação sobre o tema na literatura alemã do século XX, ver HÄNTZSCHEL (2003).

[3] O título *Bekennnis zur Trümmerliteratur* pode ser traduzido livremente como “compromisso com a literatura dos destroços” apenas se desconsiderarmos o sentido religioso do termo *Bekennnis*, que é literalmente “confissão” numa acepção que nos escapa em português. É um “declarar-se para/por”. O credo apostólico é uma *Bekennnis* e a igreja é de confissão (*Bekennnis*) luterana.

[4] Trata-se do prefácio aos dois volumes (3 e 4) de *The Germanic Review* dedicados ao fim da literatura da DDR.

Volta de Odisseu ao lar

(Tradução: Rui Rothe-Neves)

De longe, fumaça. Depois mata
de chumbo. Montes de seixos.
Num porão uma velhota
e, empilhados ao redor, homens
que enterramos. Um ano de trabalho.

Onde mais procurar minha Ítaca.

Fiquei. Dos buracos arrastava-se algo
como gente. Prometi:
Essa terra será Ítaca
e nossa. — Erigiram dos seixos
as casas. Mas poucos companheiros.

Então era preciso milagres: reconheci
Penélope naquela velhota
e estabeleci que seria bela,
e eu, Odisseu, inabalável.

Como prova, mandei romper
os montes, até parecerem meu crânio,
calvo, há muito, das geadas —

Mas os habitantes se retiraram,
amordaçados pela carne, para as casas
e resmungaram, estranhos cíclopes.

Ali se abancaram os companheiros
e enxertaram-se, centauros,
à medida que os assentos de finos veios
contavam o passar do tempo nos anéis do caule
assim que, onde acabava gente, começava cadeira.

Mas, uma noite, quando o céu
se alargava como nunca sobre o oceano,
veio uma nau no espaço sobre mim,
da qual uma luz suave caiu sobre esta ilha.

Heimkehr des Odysseus

(Thomas Rosenlöcher)

Von ferne Rauch. Dann Wald
aus Schrott. Gebirge von Geröll.
In einem Keller eine Vettel
und ringsum aufgestapelt Männer,
die wir begruben. Ein Jahr Arbeit.

Wo sollte ich mein Ithaka noch suchen.

Ich blieb. Aus Löchern kroch etwas
wie Menschen. Ich verhiß:
Dies Land wird Ithaka
und unser sein. — Sie setzten das Geröll
zu Häusern auf. Doch wenige Gefährten.

So waren Wunder nötig: Ich erkannte
in jener Vettel Penelope wieder
und legte fest, daß sie von Schönheit sei,
und ich, Odysseus, unbeirrbar.

Die Berge ließ ich zum Beweis
umbrechen, bis sie meinem Haupt,
das längst von Frösten kahl war, glichen —

doch die Bewohner wandten sich,
von Fleisch geknebelt, in die Häuser ab
und murrten lautlos, seltsame Kyklopen.

Da saßen die Gefährten sicher
und wuchsen fest, Kentauren,
indem die zartgemaserten Gesäße
den Lauf der Zeit in Jahresringen zählten,
so daß, wo Mensch war, schon der Stuhl begann.

Doch eines Nachts, als sich der Himmel
wie sonst nie überm Ozean weitete,
stand über mir im Raum ein Schiff,
von dem ein schwaches Licht auf dieses Eiland fiel.

Referências bibliográficas

- BÖLL, Heinrich. Bekenntnis zur Trümmerliteratur. In: BALZER, Bernd (ed.): *Heinrich Böll. Werke. Essayistische Schriften und Reden 1: 1952–1963*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 1979, p. 31–34.
- HÄNTZSCHEL, Günter. Odysseus in der deutschen Literatur vor und nach 1945. In: ERHART, Walter; NIEBERLE, Sigrid (eds.). *Odysseen 2001. Fahrten – Passagen – Wanderungen*. München: Fink, 2003, p. 119-131.
- HOMERO. *A Odisseia*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980. 334 p.
- JOYCE, James. *Ulisses*. 2. ed. rev. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 846p. (Biblioteca do leitor moderno; v.72)
- POUND, Ezra. *Os cantos*. Trad. José Lino Grünewald. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986. 837 p. (Poesia de todos os tempos)
- RIEDEL, Volker. Wandlungen des Antikebildes in der Literatur der DDR. *International Journal of the Classical Tradition*, v. 1, n. 2, p. 105-116, 1994, p. 105-116.
- ROSENLÖCHER, Thomas. *Ich lag im Garten bei Kleinzsachwitz*. Halle/Leipzig: Mitteldeutscher Verlag, 1982, apud GEIST, Peter (Ed.). *Ein Molotow-Cocktail auf fremder Bettkante: Lyrik der siebziger/achtziger Jahre von Dichtern aus der DDR: ein Lesebuch*. Reclam-Verlag, 1991, p. 292.
- ROTHER-NEVES, Rui; WINK, George. *Entre a guerra e o muro: coletânea bilingüe comentada*. Belo Horizonte: Tessitura; Faculdade de Letras, 2007. 130 p.
- SEIDENSTICKER, Bernd. The political use of antiquity in the literature of the German democratic republic. *Illinois Classical Studies*, v. 17, n. 2, 1992, p. 347-367.
- STEPHAN, Alexander. Foreword to the End of GDR Literature. *The Germanic Review: Literature, Culture, Theory*, v. 67, n. 3, p. 98, 1992. DOI: 10.1080/00168890.1992.9935443.
- WALCOTT, Derek. *Omeros*. 2. ed. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.